

A Cooperação Sul-Sul no BRICS+

CAMILA GOMES E FELIPE ALEXANDRE MOURA

Desde sua ascensão, o BRICS, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, tem como um de seus pilares a cooperação entre seus membros. Com expectativas iniciais de contraposição a grupos já consolidados, o BRICS encontra obstáculos para alcançar uma posição estável no sistema internacional. Ainda assim, o escopo da cooperação, promovido a partir da proximidade criada em sua esfera, tem sido ampliado em virtude do surgimento de novas arenas de cooperação, sejam elas internas ao grupo ou entre seus membros.

Dentre os esforços de consolidação, a entrada de seis novos países ao BRICS – Arábia Saudita, Argentina, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã – representa uma nova gama de possibilidades de fortalecimento do grupo. A adesão desses países, majoritariamente pertencentes ao Sul Global, propicia uma nova possibilidade de atuação: a de reforçar e ampliar o escopo de cooperação entre os membros, fortalecendo-os internamente e consolidando seu poder enquanto um grupo integrado.

Considerando, então, a oportunidade de consolidação do BRICS como um ator fomentador do desenvolvimento da cooperação entre países do Sul Global, resta questionar: a expansão do BRICS é suficiente para intensificar a Cooperação Sul-Sul, ou a adesão de seis novos membros não deve gerar resultados significativos para a cooperação no Sul Global?

A Cooperação Sul-Sul

Para entender propriamente a Cooperação Sul-Sul (CSS), é necessário, antes, revisitar o processo de surgimento da consciência compartilhada do Sul e de sua manifestação nas relações internacionais a partir da segunda metade do século XX. A Conferência de Bandung, de 1955, e o Movimento dos Países Não-Alinhados, de 1961, podem ser considerados marcos importantes para o estabelecimento dos princípios que futuramente guiariam a cooperação

entre os países em desenvolvimento. Porém, o processo de construção de uma consciência compartilhada do Sul se intensificou mesmo apenas no início do século XXI (Ayllón, 2014 apud Caixeta, 2015).

Em 2003, o Fórum de Diálogo entre Índia, Brasil e África do Sul (IBAS) reuniu três grandes nações em desenvolvimento para discutir projetos de cooperação em diversas áreas por meio do "Fundo IBAS". Uma década mais tarde, a ascensão do BRICS como um grupo de potências emergentes revitalizaria o multilateralismo sob a perspectiva do Sul Global e, atualmente, com a adesão de novos membros ao bloco, possui potencial para ampliar sua estrutura e capacidade material, institucionalmente apoiadas no Novo Banco de Desenvolvimento (NBD). Destarte, o bloco poderia reinventar o paradigma clássico da Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID), conforme proposto por Carlos Milani (2018).

A CID, de acordo com Milani (ibid.), refere-se ao paradigma e às questões subjacentes à dicotomização dos países "doadores" e "beneficiários" na cooperação internacional. O autor tece críticas à institucionalização da desigualdade histórica entre os países no Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD) da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), instituições criadas para fomentar a cooperação internacional tradicional Norte-Sul. Nesse viés, entende-se que se estabeleceram relações de exploração do Norte para com o Sul, e não de cooperação, análogas às condições coloniais que fundamentaram e acentuaram as desigualdades entre as nações doadoras e beneficiárias.

Ainda na visão de Milani (ibid.), a cooperação bilateral Norte-Sul tenderia a intensificar a condição de dependência dos países beneficiários. Por esse motivo, a cooperação multilateral promoveria, por sua vez, a diversificação das relações de cooperação, o que aumentaria o poder de barganha dos países beneficiários no âmbito de negociações com potenciais doadores. Para além, a existência de diferentes organizações multilaterais de cooperação abriria espaços de voz e protagonismo para os países beneficiários em agendas historicamente exclusivas aos países doadores (ibid.).

Diante do exposto, a Cooperação Sul-Sul se aproxima conceitualmente a um projeto político multilateral em expansão que, na figura do BRICS, desempenha um papel crucial na contestação de normas impostas por países do Norte e na disputa por recursos (Santos, 2023). No

entanto, ainda que a Cooperação Sul-Sul privilegie as relações de cooperação multilateral em detrimento dos acordos bilaterais, ela dificilmente dismantelará sozinha as estruturas históricas que perpetuam configurações assimétricas nas quais os países do Sul assumem posição subalterna aos países do Norte.

As possibilidades de avanço a partir da Cooperação Sul-Sul no BRICS

Buscando tornar-se independente da posição cativa que a CID tende a impor aos países do Sul Global, o fortalecimento de grupos de cooperação como o BRICS aumenta os espaços de diálogo e, conseqüentemente, as perspectivas de que os países do Sul cooperem entre si. Com sua expansão, as potências emergentes que já pertenciam ao grupo, assim como os recém chegados, ganham maiores oportunidades de fortalecer-se a partir das múltiplas possibilidades de atuação em conjunto com outros membros.

Tal expansão possibilita, ainda, maior projeção no sistema internacional, tanto para o grupo enquanto unidade, quanto para os integrantes de forma individual. Em conflitos envolvendo grandes potências, como a invasão russa à Ucrânia e o envolvimento indireto do Ocidente na guerra travada entre Israel e Hamas, o Sul Global parece, por meio de ações como as desenvolvidas no âmbito do BRICS, emergir com significativo destaque no cenário internacional.

Sem deixar de lado projetos de cooperação com o Ocidente, países do Sul têm resistido às pressões internacionais para romper relações com países "opositores", como a Rússia. Outros países da região, tal qual o Brasil que, na figura do Ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, ao mesmo tempo, condena as ações russas que atentam contra a soberania territorial de outros Estados e mantém as relações diplomáticas entre os dois países intactas. É por meio de "jogos de cintura" baseados na diplomacia que os países do Sul Global podem não apenas fortalecer grupos como o BRICS em meio a cenários como esse, mas estabelecer suas posições geopolíticas e alavancar suas projeções à nível global.

Considerações finais

Mesmo considerando que a CID e o paradigma clássico da cooperação Norte-Sul subalternize os países "beneficiários" em relação aos seus "doadores", tais colaborações não podem ser menosprezadas. Tal fato, porém, não representa que os países do Sul devam permanecer em posições submissas nos relacionamentos estabelecidos com países do Norte sem buscar por alternativas que melhor atendam as suas necessidades.

É neste contexto que a Cooperação Sul-Sul, representada pelo fortalecimento e ampliação do BRICS, torna-se tão importante. Sendo baseada em acordos firmados em um contexto similar, ainda que por vezes díspar, os projetos de cooperação entre países do Sul Global representam grande oportunidade de crescimento econômico alinhado a uma perspectiva de desenvolvimento pensada a partir do Sul, assim como para o surgimento de novas coalizões regionais menos suscetíveis aos interesses ocidentais.

A adesão de novos membros, revigora e amplifica a posição do BRICS como um ator relevante no sistema internacional, especialmente em um contexto de instabilidade em que potências se envolvem, direta ou indiretamente, em conflitos violentos e prolongados. O atual cenário parece promissor para a consolidação do BRICS e sua busca pela conquista de mais espaço nos fluxos de cooperação. Resta, por fim, observar o desenvolvimento das ações exercidas pelo grupo para saber se o potencial será alcançado ou se a oportunidade será dissipada.

Referências

BESHARATI, N., & Esteves, P. (2015). Os BRICS, a cooperação sul-sul e o campo da cooperação para o desenvolvimento internacional. *Contexto Internacional*, 37(1), 289–330. <https://doi.org/10.1590/S0102-85292015000100009>.

CAIXETA, M. B. (2015). A Cooperação Sul-Sul: novos referenciais teóricos nas Relações Internacionais como contribuição das Epistemologias do Sul. *Conjuntura Austral—Journal of Global South*, 6(32), 4-18. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/57212/35704>. Acesso em: 10 de nov. 2023.

DOS SANTOS, C. (2023). A Cooperação Sul-Sul e o Multilateralismo Multinormativo na Criação do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Vacinas do BRICS. *Revista Tempo Do Mundo*, (31), 117-144. <https://doi.org/10.38116/rtm31art4>.

JORNALISMO TV CULTURA. Ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, condena invasão da Rússia à Ucrânia. YouTube, 11 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-O6lc3IH0-U>. Acesso em 11 de nov. de 2023.

MILANI, C. (2018). *Solidariedade e Interesse. Motivações e estratégias na cooperação internacional para o desenvolvimento*. Curitiba: Editora Appris. ISBN: 978-85-473-2141-3.

SHIDORE, S. The Return of the Global South. *Foreign Affairs*. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/world/return-global-south-critique-western-power>. Acesso em: 10 de nov. 2023.